

## CONJUNTURA DA PRODUÇÃO DE CARNE EQUINA NO BRASIL

Brenda Alves dos Santos\*; Mahara Moreira Marquez; Gabriel Borges Ladeira Barbosa; Camila Raineri

Faculdade de Medicina Veterinária da Universidade Federal de Uberlândia - FAMEV/UFU

\**brrsantos22@gmail.com*

A carne equina não é popular na maioria dos países, sendo que o produto representa cerca de 0,25% da produção total de carne do mundo (FAOSTAT, 2015). No entanto, devido à sua disponibilidade e reconhecido valor nutricional, o consumo tem aumentado lentamente em diversos países da Europa ocidental. Assim, autores como Belaunzaran et al. (2015) apontam a espécie como uma alternativa para a produção de carne vermelha especialmente em áreas de pastagens menos abundantes. O Brasil detém o 4º maior rebanho equino do mundo, sendo o consumo desta carne insignificante no país. No entanto, abates ocorrem e seus produtos são destinados à exportação. O objetivo deste trabalho foi investigar a conjuntura da produção de carne equina no Brasil e sua situação frente ao cenário mundial em números, potencialidades e desafios. As informações foram coletadas dos sistemas de dados da Food and Agricultural Organization of the United Nations (FAOSTAT), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (SIDRA), do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (AliceWeb) e do Ministério da Agricultura (Sistema de Informações Gerenciais do Serviço de Inspeção Federal). Os dados foram compilados e analisados de formas quantitativa e qualitativa, com auxílio da literatura científica e técnica disponível. Em 2014, cerca de 177.294 equinos foram abatidos no Brasil, colocando o país em 6º lugar no ranking de abates da espécie, com produção estimada de 23.076 toneladas de carne (FAOSTAT, 2014). Isto representa uma taxa de abate de apenas 3,2%, enquanto no mesmo período a taxa de abate de bovinos foi de 13,6%. Há 8 frigoríficos de equinos no país, sendo 4 destes matadouros. Estão localizados em Minas Gerais, Paraná, Rio Grande do Sul, Bahia e São Paulo, e abatem animais geralmente doentes, injuriados e refugos de outras atividades equestres, já que não há no país criações especificamente para produção de carne. Toda produção é exportada para o Cazaquistão, União Européia, Japão, Rússia, Paraguai e África do Sul, fazendo do Brasil o 14º maior exportador de carne equina. O valor recebido pelo país pelo produto em 2017 foi de US\$ 2,79 (AliceWeb, 2017) enquanto a média de preços dos países exportadores é cerca de US\$ 3,08 (FAOSTAT, 2014). São valores inferiores ao da carne bovina, o que é considerado um fator atraente para o mercado. Os principais desafios para a exportação de carne equina brasileira são a escassez de oferta de animais para abate e o aspecto sanitário. A ocorrência de algumas patologias compromete a exportação da carne equina (Rodrigues et al., 2004), como a anemia infecciosa equina e o mormo. Em 2013 houve embargo da UE para o produto devido a um surto de mormo próximo ao abatedouro de Araguari/MG, o principal do Brasil. Também exigências em rastreabilidade causaram redução de 10% na exportação de carne equina brasileira em 2010 (Inácio, 2010). Tais aspectos impedem o Brasil de acessar mercados como o norte americano, mas ainda assim o país demonstra potencial de crescimento no mercado, com aumento nas exportações e aspectos favoráveis como extensão territorial, tamanho de rebanho, infraestrutura de abate e mercado externo. O Brasil possui potencial relevante para exportações de carne equina, sendo coerente cogitar uma exploração para a espécie que vá além das atividades de lazer e trabalho, como já acontece em muitos países.

Palavras-chave: abate, equinocultura, exportação, produção animal.